**ONTEM COMO HOJE: A PALAVRA DE DEUS**

Penso quão alegres estarão o Frade Martinho Lutero, que traduziu a Bíblia para o alemão, ou os portugueses João Ferreira de Almeida e António Pereira de Figueiredo que traduziram a bíblia para o português, ao lerem a carta do bispo de Roma, Francisco, há dias dada a conhecer, que tendo São Jerónimo por ideário, refere que traduzir a Bíblia é “inculturar” a Palavra de Deus nas línguas e culturas dos povos, o que torna essa operação “um paradigma permanente para a ação missionária da igreja”, porque os livros bíblicos fecundam as comunidades e as suas culturas, estabelecendo um “elemento criador de cultura”. E mais afirma: “As várias maneiras, em que é anunciada, compreendida e vivida a Palavra de Deus em cada tradução, enriquecem a própria Escritura, pois esta, segundo a expressão de Gregório Magno, cresce com o leitor, recebendo novas acentuações e tonalidades ao longo dos séculos”, a “Bíblia precisa de ser constantemente traduzida nas categorias linguísticas e mentais de cada cultura e de cada geração, mesmo na cultura secularizada do nosso tempo.” A seguir: “Sem tradução, as diferentes comunidades linguísticas ver-se-iam impossibilitadas de comunicar entre si; fecharíamos as portas da história uns aos outros e negaríamos a possibilidade de construir uma cultura do encontro. Com efeito, sem tradução, não se dá hospitalidade, antes pelo contrário, reforçam-se as ações de hostilidade. O tradutor é um construtor de pontes. Quantos juízos precipitados, quantas condenações e conflitos nascem do facto de ignorarmos a língua dos outros e de não nos aplicarmos, com tenacidade.”

O Concilio de Trento (1545-1563), tinha proibido a tradução da Bíblia para qualquer língua, que não fosse o Latim, o que significava que a Bíblia seria um perigo para todas as cristãs e cristãos que a lessem, sendo permitido unicamente ao clero, que sabia Latim, o seu ensino. O povo de Deus ficava, assim, privado do conhecimento dos textos bíblicos. Acontece que isso sucedeu após a publicação da Bíblia em 1522, traduzida pelo Frade Martinho Lutero, para a língua alemã. Lutero estava revoltado pelo caminho da igreja e queria uma reforma, como hoje estamos sempre esperando pelas reformas urgentes da igreja, que nunca mais chegam, escreveu lindíssimos livros – como um sobre o Pai Nosso -, hoje estudados nas universidades da igreja católica romana e era fortemente contra as “negociatas” das indulgências, por isso é excomungado e o Concílio de Trento, de má memória hoje, tenhamos, no entanto, em consideração o seu contexto cultural e religioso, viria a proibir e a não reconhecer qualquer tradução da Bíblia. Hoje o Frade Martinho Lutero seria reconhecido um grande homem cristão, como se verifica pelas palavras do atual papa Francisco.

João Ferreira de Almeida, padre, nascido em 1628, também traduziu a Bíblia do espanhol para o português, curiosamente em Malaca, onde era missionário, em 1642, não tendo, porém, concluído essa tradução, o que fez o seu amigo Jacobus op den Akker. Este padre que viria a aderir a uma das correntes reformadas, fez, contra as ordens do Concílio de Trento, uma tradução magnifica e naqueles tempos onde para as cristãs e os cristãos a língua Latina não era conhecida, as traduções seriam um balsamo para o Espírito Santo pudesse atuar em quem quisesse e onde quisesse, pela leitura da Bíblia. Como bem refere Francisco, sem estas traduções existe uma impossibilidade nas populações da comunicação se efetuar. Bem alegre deve estar João Ferreira de Almeida, por ter publicado a conhecida por “Bíblia de Almeida”, ainda hoje usada por tantos cristãos.

O religioso e padre católico romano, António Pereira de Figueiredo, haveria, também, de desobedecer ao Concílio de Trento, publicando vários livros da Bíblia, traduzidos do Latim, entre 1778-1782, e com publicação integral em 1821. Nascido em 1725, o Padre Figueiredo foi um defensor de uma igreja nacional, de tipo “anglicano” e censurou com veemência a cúria romana, nos seus aspetos de despotismo. O tipo de igreja que Figueiredo defendeu tem tradução atual na Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica, que padres dissidentes da igreja romana, formaram e que posteriormente veio a ser integrada na Comunhão Anglicana.

As palavras do papa Francisco viriam alegrar todos quantos defenderam a leitura bíblica, confiando na atuação do Espírito do Senhor. Ela tem de ser estudada, orada, refletida e remetida para a vida. Como refere Júnior, Francisco de Aquino (revista Concilium”, n. 386, junio.2020, página 107), “deve estar “enraizada y fundada en la Revelación, en la Tradición”, pero debe “también” acompanhar “los procesos sociales y culturales” quer experimentamos en “la Iglesia y en lo mundo”. No podemos contentarnos com la “teología de despacho”.”

O Povo de Deus e a Humanidade devem ter sempre acesso à Bíblia, refletir e orar sobre ela, a Palavra de Deus é imutável, se a contextualizarmos, e deixemo-nos de preocupações em desobedecer ao Concilio de Trento, que, felizmente, outros concílios alteraram, porque a Palavra é Vida para os Povos.

Joaquim Armindo

Diácono – Portugal

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental

Pós- Doutorando em Teologia - UCP